



Como a Fênix renascida das cinzas ou Prometeu, cujo fígado se reconstitui para ser devorado toda manhã, Maximiliano tem de se refazer de um trauma. Um acidente vascular cerebral apagou sua identidade e fez emergir Max, o Magnífico. No lugar do menino introspectivo e meio “paradão”, surge um tipo carismático, que atrai a atenção dos amigos e até o interesse da garota mais cobiçada da turma. Mas ele mesmo não se reconhece: perdido entre o que os outros dizem a seu respeito e o que ele sente (ou finge), precisa montar um estranho quebra-cabeça em que faltam peças e a figura custa a se formar.

NEM EU NEM OUTRO • SUZANA MONTORO



BARCO
A VAPOR

Nem eu nem outro

Suzana Montoro



1 6 8 6 5 3

ISBN 978-85-418-1010-4



9 788541 810104



BARCO
A VAPOR

Nem eu nem outro

Suzana Montoro



© Suzana Montoro, 2011

Coordenação editorial: Fabio Weintraub
Revisão: Carla Mello Moreira e Marcia Menin

Edição de arte: Leika Yatsunami
Ilustração de capa: Adams Carvalho
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montoro, Suzana

Nem eu nem outro / Suzana Montoro. — 2. ed. — São Paulo:
Edições SM, 2015. — (Coleção Barco a Vapor; Série Vermelha)

ISBN 978-85-418-1010-4

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

15-03744

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2011

2ª edição 2015

3ª impressão 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.*

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO
(Lisboa, fevereiro de 1914)

SUMÁRIO

O começo.....	9
O durante	21
O agora.....	63

● O COMEÇO

NINGUÉM POR PERTO. Aproveito para sair um pouco do quarto, apesar da recomendação do médico para que eu descanse e, quando puder, escreva (qualquer coisa que me vier à cabeça). Perdi algumas capacidades, ele disse. Várias. Uma delas é que posso confundir realidade objetiva com subjetiva, misturar o que vivo com o que imagino estar vivendo. Outra, que posso me atrapalhar com a passagem do tempo. Isso é o que ele diz, não o que sinto. Um turbilhão de ideias e pensamentos me dá a sensação de que o tempo simplesmente não existe. Para mim existe apenas o espaço, as dimensões do quarto onde durmo e acordo, a distância da cama à porta e o corredor demasiadamente claro e simétrico por onde caminho. Há outra porta aberta e eu entro. Um quarto idêntico ao meu. Na cama, uma velha me olha atravessado e quer saber se sou o fisioterapeuta. Que nada, sou teu vizinho de corredor, estou no quarto ao lado. E veio fazer o que aqui dentro?, ela pergunta com voz clara e pausada. Sei lá, ultimamente tem sido assim, vou fazendo as coisas sem saber muito o porquê. Qual o teu nome, garoto? Dou de ombros e

me apresento como Maximiliano, pelo menos é o que me asseguraram, Maximiliano, nome que não me diz nada, acho até bastante esquisito. Mas meu pai confirmou: meu nome é esse mesmo, igual ao do pai dele, meu avô. A velha me olha desconfiada, quer saber se me sinto assim, um Maximiliano. Claro que não. E qual nome você se sente tendo? Ainda não sei, depois que vim parar no hospital sei quase nada sobre mim. Ela pergunta o que vim fazer aqui. Conto o que ouvi, que desacordei comendo um sanduíche na escola durante o recreio. Sem mais? É, é o que dizem. Comida estragada? Acho que não, disseram que eu estava sozinho, sentado num canto comendo, daí tombei para o lado feito livro solto na estante. Quando acabou o recreio, continuei tombado. Então me trouxeram para cá. E aí? Sei lá, agora estou aqui, acho que fiquei dormindo uns dias. Os médicos dizem que talvez eu vá me sentir meio diferente, tem um montão de coisas novas me acontecendo, mas eles também estão tentando descobrir que coisas são essas. Coisas novas? É, como se eu não soubesse direito quem sou, ou melhor, quem era, não tenho mais uma coisa que eles chamam de memória de conduta e, sendo assim, tudo é novo, não é mesmo? Depende, ela diz, pode ser novo, mas pode ser antigo, porém desconhecido. O que não conhecemos também existe, hein!, ela me previne com o dedo em riste. É mesmo, talvez eu nunca tenha pensado nisso. Os médicos falam que posso ter alucinações, e aí como vou saber o que é real? E há ainda um tal de sono

crepuscular, não tenho memória da dor. A velha acha isso bonito. Nem tanto. A todo instante me acordam, me levam para fazer exames, me dão problemas para resolver, fazem perguntas ridículas e estão sempre me espetando com agulhas. Em hospitais eles vivem bulindo com as pessoas, também estou cheia disso. E diz que não quer saber de mais ninguém vindo molestá-la, principalmente os fisioterapeutas que a mandam sentar quando ela quer ficar deitada, fazem-na respirar profundamente soprando umas bolinhas e agora deram para puxar-lhe a perna. Olho para o desenho do corpo dela sob o lençol azulado e vejo o contorno de apenas uma perna. Cortaram minha perna direita, ela diz com cara de quem não está nem aí. Uma perna que não servia mais para ser perna, segundo os médicos. Conto a ela que, quando cortamos a extremidade de uma estrela-do-mar, seja qual for, nasce outra igualzinha no local. A velha ri dizendo que, sem sombra de dúvida, andará de novo, com perna nova, emprestada ou a bordo de uma enorme estrela-do-mar. E aí gargalhamos os dois, em alto e bom som. Ela me olha com o canto dos olhos, entretida com outro assunto, e pergunta se já ouvi falar da Fênix. Fênix? A ave que renasce das próprias cinzas, grande pássaro com belíssima plumagem e doce voz, único da sua espécie. Ela viveu por muito tempo e, quando estava chegando ao fim dos seus dias, deitou-se em um ninho ao qual ateou fogo. Do seu corpo, das cinzas ou do ninho, sabe-se lá, surgiu outro pássaro igual ao primeiro. Puxa, que história